International Policy Centre for Inclusive Growth

IPC-IG Interview Series

BRAZIL'S INEQUALITY DECLINE

Entrevista com Sergei Suarez Dillon Soares, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA); *One Pager*, "O que explica o declínio da desigualdade no Brasil?"

IPC-IG: Em seu artigo no *One Pager* – "O que Explica o Declínio da Desigualdade no Brasil?" ["What Explains the Decline in Brazil's Inequality"] – o senhor afirma que cerca de dois terços do declínio da desigualdade no Brasil desde 2001 dizem respeito à política de educação e aos programas de proteção social. O senhor poderia explicar de que forma as medidas que facilitam o acesso à educação têm impacto sobre o Coeficiente de Gini? Existe um "ciclo" ou um conjunto de etapas que explique este impacto da educação sobre a distribuição de renda?

Sergei Soares: Deixe-me começar com a outra parte da questão, com a melhoria da proteção social. A clara melhoria das proteções sociais é uma das causas do declínio da desigualdade, tanto quanto sabemos. Estamos muito convictos das nossas respostas. E estamos convictos porque elas são relativamente fáceis de calcular. Basta lançar os novos números, compará-los com os números antigos, e nós sabemos quais são as regras de proteção social. Por isso, é fácil perceber, essencialmente pela proporção, o impacto da proteção social. Portanto, estamos muito certos do impacto da proteção social, que é um terço e, depende, claro, de como a calcula, pois o Gini é ligeiramente diferente do Índice de Theil. Assim, há diferentes maneiras de medir a igualdade: é de cerca de um terço ou, dependendo de como você a mede, até quase metade.

BIO

Sergei Soares é pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em Brasília, Brasil, onde coordena pesquisas sobre pobreza e desigualdade. Sua pesquisa sobre a economia do bem-estar tem-se centrado sobre a relação entre a desigualdade, educação e pobreza. Ele concluiu seu mestrado em Economia pela Universidade de Brasília.

O outro terço é o mercado de trabalho que está relacionado com determinadas características, em particular, a educação. Há de fato outras influências, como o tamanho das famílias, mas essencialmente é a educação. Por que a educação? Porque há uma forte relação entre escolaridade e renda. Sabemos disto há talvez cinquenta, sessenta anos. Podemos ver esta relação em Marshall, em Marx, em Adam Smith, que há uma forte relação entre educação e rendimentos. Portanto, as melhorias na educação, nomeadamente as melhorias na educação na cauda inferior da distribuição, na educação dos pobres, irão reduzir a desigualdade.

Estas melhorias aconteceram durante a década de 1990. Elas não foram fantásticas e surgiram de uma base muito ruim porque o País teve um sistema educacional muito pobre até os anos 1980. Ainda não é exce-

lente, mas é muito melhor do que foi durante a década de 1980 e há, evidentemente, um atraso – à medida que as escolas melhoram as crianças que vão para essas escolas vão chegar ao mercado de trabalho talvez uma década mais tarde, e é isso que estamos vendo agora. Estamos vendo uma melhoria na igualdade e na distribuição da renda em geral devido a essas melhorias – a soma das modestas melhorias na educação durante a década de 1990. Elas representam cerca de um terço, não temos bem a certeza. Às vezes é difícil distinguir exatamente o que é educação e o que é, por exemplo, o salário mínimo, porque o salário mínimo também afeta tipicamente as pessoas que estão na metade inferior da distribuição. E assim, por vezes, uma vez que os salários mínimos foram aumentando, ao mesmo tempo que o perfil educacional foi melhorando, a confusão não é trivial, mas realmente parece que a educação é grande parte da história. Há um trabalho de Miguel Fogel, por exemplo, que mostra que a educação foi, sem dúvida, uma parte da história.

O que não sabemos é o terço restante e é sobre ele que estamos especulando no *One Pager*. Não temos uma série de provas concretas; o terço restante é apenas algo sobre o qual estamos ainda especulando.

IPC-IG: Você afirma que o Brasil continua a ter níveis elevados de desigualdade, apesar das recentes tendências. Você acredita que as ações futuras terão de continuar a abordar a política de educação e da eficiência das transferências de dinheiro, de forma a diminuir ainda mais a taxa de desigualdade, ou existem outros desafios, não mencionados no papel, que devem ser abordados em vez disso?

Sergei Soares: Na ausência de guerras, catástrofes naturais ou revoluções, altera-se significativamente a desigualdade ao longo de décadas, não anos. Se você olhar para um país que é relativamente igual, como os países da OCDE de hoje – a Dinamarca, a Alemanha ou a França – foram precisas muitas décadas para passarem de altos níveis de desigualdade (talvez não muito distantes dos que temos hoje no Brasil), para níveis baixos desigualdade.

Se você ler como era a Inglaterra no tempo de Charles Dickens, você verá que ela era muito parecida com o Brasil de hoje – desigualdades extremas, trabalho infantil. E na verdade era provavelmente pior do que o Brasil de hoje porque, basicamente, não temos mais trabalho infantil aqui. A Inglaterra demorou cerca de um século, desde os meados do século XIX, quando começou a melhoria da renda, até talvez meados do século passado, quando terminou. Então, o que temos é seis anos de melhoria a um bom ritmo, e vamos a um bom passo. Mas temos de mantê-lo durante muitas décadas – estamos falando sobre a transformação da sociedade brasileira. Se você olhar para fora da janela, você ainda verá como estamos desiguais; ainda somos uma sociedade muito desigual, não há dúvidas quanto à isso.

Se você olhar para fora da janela, você ainda verá como estamos desiguais; ainda somos uma sociedade muito desigual, não há dúvidas quanto à isso.

O Programa de Transferência Condicional de Renda (CCT) foi importante, tem um lugar, mas ele certamente não vai ser o único, e não será sequer o principal instrumento para a melhoria da educação. O sistema social, a proteção social como um todo, que ultrapassa o Programa de Transferência Condicional de Renda, pode ser razoavelmente importante. Mas vamos ter que ter educação, vamos ter que ter mudanças na tributação, que, nós temos – temos, por exemplo muita tributação regressiva, vamos ter que ter algum tipo de reforma agrária – nós realmente ainda não tivemos isso. Então, há muitas coi-

The IPC-IG Interview Series features interviews with key stakeholders in the South on various subjects related to IPC-IG work, such as: Gender Equality; Social Protection and Cash Transfers; Economic Policies, MDGs and Poverty; Financial Crisis; and Access to Finance and Basic Services. IPC-IG Interview Series helps illustrate the development-related aims and outputs of our research and training programmes and promote knowledge sharing and capacity development.

MAIS INFORMAÇÃO

http://www.ipc-undp.org/pub/IPCOnePager89.pdf

sas que precisam de ser feitas antes de sermos um país com baixa desigualdade. Temos ainda um longo caminho a percorrer; nós estamos apenas começando a viagem.

IPC-IG: Você sugere que, apesar de ser ainda demasiado cedo para dizer com certeza, a razão para que a crise financeira não tenha atingido o Brasil de forma tão grave como em outros países está relacionada com o crescente mercado interno e as mudanças na estrutura da procura estimulada por esta distribuição de renda. Você acredita que esses fatores foram primordiais na formação dos efeitos da crise financeira, ou houve outros fatores mais importantes?

Sergei Soares: Não foram certamente os fatores primários, acho que eles podem ter sido importantes, mas o fato é que, não obstante as recentes melhorias, os pobres ainda são muito pobres – quase toda a receita está no topo de dois a três decis. Assim, os decis inferiores, que são os únicos cujo rendimento tem melhorado muito, ainda continuam muito pobres. Eles aguentaram muito bem ao longo dos últimos seis anos, mas são ainda muito pobres e não estão suficientemente ricos para sustentar uma economia com o seu consumo. Nós realmente ainda não chegamos lá, estamos longe disso. O que podemos dizer é que, para além das muito prudente políticas macroeconômicas que foram seguidas no passado recente, e todo o resto que foi feito corretamente – e o Brasil fez muitas coisas corretamente – talvez a melhoria na desigualdade ajudou um pouco, foi um fator adicional, mas certamente não o principal.

IPC-IG: Será que esta expansão do comércio interno brasileiro e a estrutura da procura vão ser capazes de diminuir os efeitos de futuras crises financeiras?

Sergei Soares: Espero que sim. Se esta tendência se mantiver e se nos próximos dez anos estivermos falando de que a metade inferior da distribuição tenha talvez um quarto das receitas, em vez de menos de dez por cento que tem hoje, então talvez estejamos numa posição onde o consumo dos pobres será importante para a manutenção da atividade macroeconômica, tal como é hoje em dia na Europa, por exemplo. A metade inferior dos consumidores alemães, franceses, ou mesmo americanos – que é ainda um país bastante desigual – é importante para manter a atividade econômica.

UN Volunteers
inspiration in action

International Policy Centre for Inclusive Growth

The IPC-IG Interview Series is supported by online United Nations Volunteers.
Transcription: Neil Bailey, translation: Gustavo Kozemekin & Patrícia França, photos: Brandon Thompson, design: Luciana Almeida.

The International Policy Centre for Inclusive Growth (IPC-IG) is jointly supported by the Poverty Group of the Bureau for Development Policy, United Nations Development Programme, New York and the Brazilian Government. The views expressed in this interview do not necessarily reflect the views of IPC-IG, UNDP, and the Brazilian Government.

Esplanada dos Ministérios, Bloco O, 7º andar 70052-900 Brasilia-DF, Brazil
Telephone (55-61) 21055000 | Fax (55-61) 21055001 | http://www.ipc-undp.org